

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE POESIAS DO ROMANTISMO FRANCÊS. Daiane Miluzzi Junta, Guacira Marcondes Machado Leite. Letras. Departamento de Letras Modernas - Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

A obra *Clefs pour la poésie* (1962), de Yves Peres e Day Lewis, trata com uma linguagem altamente lírica os caminhos da interpretação poética e a maneira como a produção de sentido se dá a partir da identificação do leitor com aquilo que lhe está sendo proposto. Sob este ponto de vista, ele vai tecendo seu livro de maneira a revelar-nos, gradativamente, as “chaves para a poesia” e explora assim, as questões **analíticas** desta, mas o faz em função da busca pela **interpretação**.

Esta questão da **interpretação versus análise** está presente na obra *Estudo analítico do poema* (1996), de Antonio Candido, que define a interpretação como sendo uma reprodução e determinação compreensiva da linguagem, da estrutura íntima e das normas peculiares segundo as quais uma obra literária se processa, se divide e se constrói como unidade (CANDIDO, 1996, p.16). Já a análise, ele define como um levantamento de dados exteriores à emoção poética, um levantamento de dados históricos, filológicos e internos, como a construção fônica, semântica e o que mais possa haver de minúcias neste sentido. Assim, iremos utilizar aqui a abordagem interpretativa de Yves Peres e Day Lewis diante da abordagem analítica de Antonio Candido, sem deixar de perceber, é claro, que embora tragam enfoques diferentes, elas possuem pontos de contato, afinal, são definições que delineiam o assunto, e apenas unidas é que dão conta da poesia em sua totalidade.

Nesse sentido, temos então, a linguagem sentimental de Yves Peres que nos fala de poesia como sendo um meio particular de se utilizarem as palavras em vista de produzir na leitura um efeito de sensatez em relação ao universo. Ele recupera a antiguidade e coloca como hipótese que os primeiros poetas seriam aqueles velhos, fracos e feridos que, inúteis à sociedade, ficavam à mercê de desenvolver a criatividade e então desenhavam nas cavernas, compunham recitações aos caçadores vitoriosos, reverências à natureza. Eis, portanto, o surgimento da faculdade de imaginar, e o aparecimento dos primeiros artistas e poetas.

E deste modo Peres vai apresentando-nos os entornos da poesia, a linguagem poética e os recursos dos quais ela se utiliza para criar uma atmosfera onírica em pleno dia, ou reproduzir as nuances de sentimento e os empregos de imagens de que se vale para pintar através das palavras. É a partir de então que ele começa a explorar as figuras de estilo, ritmo e rima, muito superficialmente, e em função de nos mostrar a capacidade da linguagem de expandir a poesia numa profundidade tal que atinge todos os níveis da palavra.

Ele nos apresenta deste modo, a atemporalidade da poesia que mantém, através do tempo, o seu poder de nos render às coisas presentes e ultrapassar os anos: é uma arte de resistência porque universaliza experiências, sabedorias e aprendizagens.

O autor também nos dá o “passo a passo” de como conhecer melhor um poema, mas, sobretudo, nos mostra uma maneira de alcançar os sentidos que estão por trás das palavras. Apresenta-nos, portanto, uma introdução básica do que é a criação poética (natureza do ato criador no poeta) e não do que é o poema (maneira como a poesia é disposta).

O contrário disso está na obra de Antonio Candido, que estuda o poema sob enfoque estrutural e ao fazer sua interpretação, enfoca os mecanismos metafóricos e nunca a inspiração do poeta. Candido considera, portanto, que para que haja o entendimento da poesia, seja antes conhecido o funcionamento sistêmico do poema.

Nesse sentido, o livro *O estudo analítico do poema*, é uma visão mais científica e, como o próprio título diz, analítica e não interpretativa. Assim, Candido define seu objetivo como sendo o de estudar a poesia na maneira como esta se manifesta dentro do poema: partindo da metrificação dos versos, por exemplo.

Ele começa por definir a sonoridade como um fundamento do poema, pois ela determina uma melodia própria na ordenação dos sons, pode dispor os fonemas de modo a despertar sensações ou emoções de natureza auditiva, plástica, e, ainda, trazer na expressividade dos sons, uma correspondência entre som e sentido, isto é, uma simultaneidade de sensações: a sinestesia.

Desta forma, fala sobre a rima como um recurso para obter efeitos especiais de sonoridade e criar a recorrência do som de maneira marcante, estabelecendo uma sonoridade contínua e nitidamente

perceptível. Além disso, fala das rimas consoantes: as perfeitas, e das rimas toantes: que possuem uma assonância no fim do verso.

Sobre o ritmo, ele diz ser uma alternância de sonoridades mais fracas e mais fortes funcionando de modo a caracterizar os versos, por ser um movimento ondulatório e que encadeia os sons. Trata-o ainda como o elemento de maior importância no verso, por ser a manifestação de todo o movimento sonoro e uma manifestação na arte da vida, já que esta se manifesta basicamente por meio de ritmos: a pulsação cardíaca, o movimento respiratório, a marcha, o gesto.

Nesse sentido, ele se embasa no ritmo para tratar das demais unidades expressivas do poema, e termina tratando, detalhadamente, da metáfora, mas nunca perdendo de vista que o ritmo (bem como os demais conceitos analíticos) cria uma unidade sonora e estrutural e que permitem, assim, que as palavras criem uma unidade conceitual: o poema.

Sob esta perspectiva analítico-interpretativa, abordamos o romantismo francês, a princípio, com o poeta Lamartine (1790-1869), que traz em sua obra recorrências, evidentemente, típicas do movimento em questão, como: a dor e a morte (que são tratadas a partir da brevidade da vida, bem como de sua efemeridade e constante busca do Homem pela compreensão da necessidade de amar); a fuga (abordada como aspecto caracterizante da condição humana uma vez que não há controle da passagem inexorável do tempo, o que acaba gerando uma felicidade também passageira. Além disso, existe a sagacidade do tempo em roubar-nos a juventude, a beleza, um pouco do que somos e não nos deixar senão nossas lembranças); Deus e a eternidade (uma grande fé e contemplação pela figura divina, mas justificada pela angústia diante da espera da morte); a natureza e o amor (já que a natureza tem escrito nela o nome e a força de Deus).

Estes temas todos se fazem presentes em sua obra *Méditations Poétiques*, onde ele os desenvolve, como por exemplo, em “Le Vallon”, poema de dezesseis estrofes com quatro versos. Ele apresenta rimas alternadas em ABAB, CDCD, EFEF, etc., de modo que em comunhão com outros recursos estilísticos (como aliterações e assonâncias), obtém efeitos especiais de sonoridade e que condizem com os sentimentos que deseja explorar diante do leitor.

Intrinsecamente relacionado a isso, está o ritmo do poema, que expressa a manifestação pelo poeta de suas impressões como: som ou silêncio, monotonia ou agitação. Diante destas relações estruturais do poema, observamos também uma constante de Alphonse de Lamartine: há uma introdução, uma descrição da paisagem e em seguida uma descrição de si mesmo.

A primeira fala sobre seu estado de espírito naquele momento, em que escolhe um vale de sua infância como asilo, para aguardar a chegada de sua morte, já que não tem controle nenhum sobre a passagem dos dias. Além disso, exprime um profundo sentimento nostálgico da sua vida que passou e deixa sugerido ao leitor sua angústia por tal efemeridade. Por isso é que escolhe um lugar bonito (o vale), para buscar conforto para o seu espírito. Isto é, na realidade, um primeiro vestígio de seu escapismo, bem típico da escola literária à qual pertence.

Em seguida começa a descrever a natureza, sempre a engrandecendo. Trata dela como uma fonte de plenitude e explora toda a riqueza de sua simplicidade: o barulho de seus lagos, a frescura de sua vegetação, a sombra de suas árvores, a singularidade do céu. É um momento em que está havendo uma descoberta da natureza exterior de modo que ele passa a se projetar nela, e expor seus sentimentos relacionando-os com os fenômenos naturais que o rodeiam.

E, a partir disso, há a descrição do eu, em que ele começa a falar sobre o repouso de sua alma que se encontra em seu último “retiro” e o silêncio de seu coração, pleno de paz e esperança. Faz isso, de modo a exprimir sua profunda sintonia com a natureza. É como se ela dissesse sobre ele e ele sobre ela. Assim, como anteriormente dito, ela é uma projeção daquilo que o eu - poético sente: por exemplo, quando ele fala sobre o embaralhamento do leito dos rios, ele está refletindo sobre sua confusão e sua angústia. Assim, a natureza é a responsável pela alternância de estado de espírito dele: o ruído dos leitos dos rios provocam intensa calma e tranquilidade, bem como a sombra das árvores, ao cair da noite, refletem sua obscuridade interna.

Enfim, observamos que há um conjunto de recursos estilísticos, estruturais, sonoros e visuais que se correspondem de tal maneira a nos transmitir as sensações do poeta. Ele fala de si mesmo, mas como trata de temas inerentes ao ser - humano, acaba por falar de todos nós: eis, portanto, toda a universalidade e atemporalidade de sua obra.

Então, embora nossa pesquisa ainda esteja no início, ela está encaminhada e esta rápida leitura já é capaz de demonstrar como os resultados aparecem a cada poema analisado.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 3ª edição. São Paulo: Humanitas, 1996.

LAMARTINE, Alphonse de. *Méditations Poétiques - choix de poèmes*. Paris: Nouveaux Classiques Larousse, 1973.

PERES, Yves. *Clefs pour la poésie*. Paris: French e European Pubns, 1953.